

PANORAMA DE GTs 2012-2014

Realizamos um levantamento sobre as ações, áreas e perspectivas de atuação temática e prática dos GTs existentes dos últimos dois anos. As informações se basearam em três momentos: no período pré-Fórum de GTs, em que fizemos o primeiro panorama de GTs como preparação para encontro; no período durante o Fórum, momento de trocas e debates sobre os GTs; e, por fim, momento subsequente até os dias de hoje a partir dos informes e relatos dos GTs nas RGCs. Percebemos que os GTs apresentam um caráter muito dinâmico. Alguns conseguem uma estabilidade em seu funcionamento, enquanto outros já não apresentam uma regularidade. De qualquer forma, são instâncias que atuam em diversas problemáticas e em articulação com diversos movimentos, organizações e fóruns.

Outro ponto interessante é em relação a algumas Seções Locais que não apresentam a forma-ção de GTs, mas que em sua prática, atuam na perspectiva dos GTs. Essas SLs apresentam Comissões ou simplesmente pessoas que refletem e intervêm sobre alguma problemática específica, articulando-se a outros grupos, entidades e movimentos sociais. Incluímos essas SLs neste panorama, classificando como Comissões.

Por fim, percebemos que com nome ou não de GT, nesses últimos anos, com mais ou menos regularidade, a AGB refletiu e interveio em diversas temáticas desde o Currículo da Educação Básica, Políticas Públicas em Ensino, passando por conflitos territoriais urbanos, agrários, por conflitos com comunidades tradicionais pesqueiras, indígenas, quilombolas, agricultores familiares. Intervindo junto às ocupações urbanas, assim como atuando em espaços como Fórum Nacional de Reforma Urbana e outros fóruns, conferências e conselhos, como o Conselho Nacional das Cidades com representação a partir da Articulação Nacional de GTs de urbana. Promovemos iniciativas como articulação do campo e cidade, como o caso da Feira e das cestas agroecológicas na UFES, realizamos campos e sistematizações de informações, análises críticas, produzindo relatórios e estudos que auxiliaram juridicamente as lutas sociais.

Além disso, tem se iniciado uma articulação de SLs para atuação sobre a questão indígena, que conforma uma demanda urgente na conjuntura atual do país. Criação de espaços de comunicação das nossas ações como o blog da Articulação Nacional de GTs de Urbana ou o documentário sobre o conflito no Porto do Açú (RJ), entre outros. Entendemos que essa síntese tem um caráter importante no sentido de termos um cenário sobre a atuação política da AGB por meio dos GTs e ainda estratégico para a avaliação do caráter, da dinâmica e da natureza dessa atuação. Em tempos de Pré-CBG, acreditamos que seja fundamental refletirmos sobre os GTs e suas atuações para assim podermos durante o Congresso avançar em sua compreensão, nas proposições e possibilidades político-organizativas.

Fotos de ações do GT Ambiente



AGB Viçosa na articulação contra o projeto de mineroduto



AGB Vitória na relação Campo Cidade



APRESENTAÇÃO

O I Fórum de Grupos de Trabalhos (GTs) da AGB foi realizado em Aracaju (SE) nos dias 16 a 18 de novembro de 2012.

O Fórum surge como uma demanda da entidade (encaminhada na 108ª RGC, em Vitória, set/2011) a partir da demanda de aprofundamento e trocas de experiências entre os GTs (Agrária, Urbana, Meio Ambiente, Assuntos Profissionais e Ensino).

Nele compareceram representantes de GTs locais que estão ativos e também das Seções que não tinham GTs, totalizando 36 participantes de 15 seções locais.

Diversos espaços ocorreram de troca e debate, levantando concepções dos GTs, partilha de experiências e ações, forma de organização e funcionamento, dificuldades, limites, potencialidades, etc. Além do contexto político desses grupos no atual momento da entidade.

Esse fórum nos proporcionou um panorama inicial do que temos de realidades nas Seções Locais e como queremos intervir por meio dos Grupos de Trabalho. Foi perceptível que, em termos de realidade concreta, ainda são poucos os GTs em ação no país. Os GTs ativos que estiveram presentes eram 16, sendo eles: 2 de Ambiente (Vitória, Viçosa), 3 de Agrária (Rio-Niterói, Três Lagoas, Recife), 4 de Urbana (Vitória, Belo Horizonte, Porto Alegre e Cuiabá) e 7 de Ensino (Porto Alegre, Vitória, Belo Horizonte, Viçosa, Niterói, Aracaju e Cuiabá).

Os GTs de Ambiente do Rio, de Trabalho de Campo de São Paulo, de Ensino e de Urbana de Fortaleza estão em atividade, mas não estiveram presentes. Os GTs Agrária e Ensino (Juiz de Fora), Ambiente (Recife e Juiz de Fora), Urbana (Rio, Niterói e Aracaju) tinham representantes, mas estavam em processo de rearticulação interna. As Seções de Marechal Rondon, Florianópolis, Curitiba e João Pessoa estavam presentes, mas sem GTs ativos.



Reuniões no I Fórum de GTs da AGB, Aracaju-SE, 11/2012

AGB e seus desafios frente a geografia e a sociedade brasileiras

Desde os anos 1990 o modelo de desenvolvimento baseia-se na inserção competitiva do Brasil no mercado globalizado. Ao mesmo tempo, o Brasil conseguiu superar a dicotomia: mercado interno X externo. No entanto, esse processo não ocorre sem contradições. Alguns reflexos desse modelo: exploração cada vez mais intensa dos recursos naturais (reprimarização da economia brasileira), hiper-exploração da força de trabalho. Com isso, verifica-se uma reestruturação da geografia brasileira e dos setores contra hegemônicos. Esse novo quadro impõe grandes desafios para os geógrafos. A polarização anterior, entre esquerda e direita, atualmente cede lugar para outra polarização: politização do conhecimento X não politização do conhecimento.

(...)

Não apenas o espaço muda, mas os sistemas educacionais e a produção do conhecimento acadêmico. Alguns reflexos na academia: proposta do REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), precarização do trabalho na Universidade, aligeiramento dos cursos, controle do trabalho acadêmico pelo Sistema Capes (alinhado ao produtivismo), estímulo a competitividade na academia, hierarquização da produção do conhecimento por meio dos conceitos da CAPES, entre outros. O livro didático é uma forma de controle de prática do docente em sala de aula na educação básica. O Brasil tem a maior distribuição de livros didáticos do mundo. Novas formas de controle: as avaliações externas e mecanismos meritocráticos.

Atualmente, o tempo de vida é colonizado, baseado nas novas tecnologias que redefine o trabalho, o consumo e o cotidiano. A AGB, por sua vez, também sofre impactos em seu cotidiano desse novo contexto.

Essas mudanças estruturais impõem grandes desafios para entidade nos mais diferentes aspectos, como em sua organização e na relação da AGB com a comunidade geográfica (segmento escolar, acadêmico e técnico).

Como é que a AGB se posiciona frente esse quadro de reestruturação da sociedade e do saber geográfico? A própria AGB deve se repensar frente à geografia. A essa “novidade” de geografia, plural de concepções e de mais 50 pós-graduações, de anti-agebeanismos, encontros setoriais, etc. Nesse quadro, algumas questões se colocam:

Como é que a AGB se reposiciona frente à geografia brasileira? A institucionalidade da AGB, atualmente, permite esse reposicionamento da entidade? Os GTs são capazes de pensar essa questão? (Hegemonicamente, os GTs se orientam para a ação sobre a sociedade, e a comunidade geográfica fica em segundo plano). A AGB é proativa ou reativa? Como que a AGB pode se constituir, de fato, em Nacional?

Grupos de Trabalho (GTs) da AGB: princípios e diretrizes oriundos do I Fórum de GTs (2012)

Os GTs da AGB emergem como uma forma particular de organização da entidade em seu processo de organização. Os GTs não estão instituídos oficialmente (não é previsto no atual Estatuto), porém, tem ganhado força nos últimos anos em diversas Seções Locais e nos Encontros Nacionais de Geógrafos (ENGs). Os GTs se realizam:

(...) a partir de um coletivo de agebeanos que se propõe a pensar e praticar ações a partir da entidade. A concepção de GT se expressa a partir do tripé: ação, reflexão e formação. Para além dos grupos de estudos e pesquisas, os GTs são formados visando ações concretas. Essas ações devem ter como subsídio a formação e a reflexão a partir do conhecimento geográfico construído pelo grupo de caráter técnico, político e pedagógico em torno de uma problemática e/ou área de atuação. (GTs da AGB: breves reflexões realizadas no I Fórum de GTs, 2013)

Tendo em vista tais características, os GTs são criados e organizados a partir do cotidiano das Seções Locais. De tal maneira, as propostas de criação de GTs nas plenárias finais de Eventos Nacionais da AGB como têm ocorrido nos últimos, mostram-se limitadas do ponto de vista de sua realização efetiva. No entanto, os ENGs, CBGs, ou mesmo o Fala Professor, são importantes para articulação dos GTs e construção de pautas e ações de caráter nacional da entidade. Nesse sentido, os chamados “GTs Nacionais” passam a ser denominados de “Articulação Nacional de GTs”, nas respectivas áreas: Urbana, Agrária, Educação, Ambiente e Assuntos Profissionais. A mudança de denominação desse espaço busca ser coerente com o próprio significado dos GTs na AGB, isto é, coletivos organizados localmente e articulados nacionalmente.

Em função das dificuldades inerentes a organização de entidades como a AGB, o funcionamento regular dos GTs é uma grande tarefa, e articulação dos GTs nacionalmente é um desafio ainda maior. Uma possibilidade apresentada no Fórum foi a construção de uma agenda em comum entre os GTs, com isso, abriria a possibilidade de ações conjuntas, respeitando as autonomias dos GTs. Contudo, esse processo de construção se esbarra nos limites de uma comunicação mais efetiva entre os GTs. Por isso, outra preocupação levantada foi a questão das listas de endereços eletrônicos (grupos de e-mails) das Articulações Nacionais de GTs. Em grande medida tais meios de comunicação se limitam a informes, não se constituindo em uma ferramenta ativa para a articulação entre os GTs.

Sobre a comunicação envolvendo os GTs, algumas tarefas permanentes foram apontadas como necessárias: I publicar os materiais produzidos pelos GTs nas listas de endereços eletrônicos (interseções e da respectiva Articulação Nacional) e nos sítios da AGB (das Seções Locais e da Nacional); II divulgar as reuniões, relatos e informes dos GTs nas listas de endereço eletrônico da AGB; III privilegiar o AGB em Debate e a Terra Livre como espaços de divulgação de trabalhos elaborados pelos GTs e, ao mesmo tempo, estimular os GTs a produzirem para tais espaços.

Outra tarefa ou demanda levantada para os GTs foi o seu papel na formação dos estudantes e professores de geografia. Nesse sentido, os GTs, a partir de seus respectivos temas ou áreas de atuação (como agrária, ambiente e urbana), devem ser estimulados a produzirem materiais didáticos e paradidáticos para a prática pedagógica. Além disso, tendo em vista o saber acumulado pelos GTs, outra prática possível é a promoção de oficinas/cursos para graduandos e professores da área de geografia. A utilização das tecnologias da informação, como os programas de videoconferências, foi ressaltada como necessária para a divulgação e ampliação do alcance das atividades promovidas pela AGB.

Portanto, a partir de um conjunto de encaminhamentos aprovados na plenária final do I Fórum de GTs da AGB, foi possível reunir nesse texto tanto alguns princípios dos GTs como também algumas sugestões mais concretas de tarefas. Nesse sentido, espera-se que este material sirva para reflexão sobre os GTs e a própria AGB enquanto entidade e ainda se constitua num material que estimule a formação de novos GTs nas diversas Seções Locais espalhadas pelo país.

* Trecho da fala de Renato Emerson na abertura do Fórum de GTs. A íntegra encontra-se na Relatoria do Fórum.